



BIBLIOTECA

STEPHEN KING KING



TROCAS MACABRAS



TROCAS MACABRAS

STEPHEN KING

TRADUÇÃO
Regiane Winarski



SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Sumário
Dedicatória
Epígrafe
Você já esteve aqui

PARTE UM: A GRANDE INAUGURAÇÃO

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze

PARTE DOIS: A VENDA DO SÉCULO

Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito

PARTE TRÊS: TUDO TEM QUE ACABAR

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

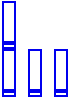
Vinte e três

Você já esteve aqui

Nota da editora

Sobre o autor

Créditos



BIBLIOTECA

STEPHEN KING

Para Chris Lavin, que não tem todas as respostas — só as que
importam

*Ladies and gentlemen, attention, please!
Come in close where everyone can see!
I got a tale to tell, it isn't gonna cost a dime!
(And if you believe that,
we're gonna get along just fine.)*

Steve Earle
"Snake Oil"

*Ouvi falar de muitos que se perderam mesmo nas
ruas do vilarejo, quando a escuridão era tão densa
que
dava para cortar com uma faca, como se diz...*

Henry David Thoreau
Walden

VOCÊ JÁ ESTEVE AQUI



Claro que estive. Com certeza. Eu nunca me esqueço de um rosto.

Venha aqui, aperte a minha mão! Tenho que lhe dizer uma coisa: eu te reconheci pelo jeito de andar antes mesmo de ver seu rosto direito. Você não poderia ter escolhido um dia melhor para voltar a Castle Rock. Não é uma cidade maravilhosa? A temporada de caça vai começar em breve, a floresta vai ficar cheia de cretinos atirando em tudo que se mexe e não usa laranja berrante, depois vêm a neve e a geada, mas tudo isso é depois. Agora estamos em outubro, e em Rock nós deixamos outubro ficar pelo tempo que quiser.

Na minha opinião, essa é a melhor época do ano. A primavera é boa aqui, mas sempre vou preferir outubro a maio. O oeste do Maine é uma parte do estado que fica bem esquecida quando o verão vai embora e todas aquelas pessoas que têm chalés perto do lago e em View voltam para Nova York e Massachusetts. As pessoas aqui as assistem vir e ir todos os anos: oi, oi, oi; tchau, tchau, tchau. É bom quando elas vêm porque trazem os dólares de suas cidades, mas é bom quando vão porque também levam as chateações de suas cidades.

É sobre as chateações que quero falar; você pode ficar um pouco comigo? Aqui, nos degraus do coreto está ótimo. O sol está quente e daqui, do meio da praça da cidade, dá para ver todo o centro. Só tome cuidado com as farpas, só isso. Os degraus precisam ser lixados e pintados. Isso é trabalho do Hugh Priest, mas Hugh ainda não chegou a cuidar disso. Ele bebe, sabe. Não é segredo. Segredos podem e são guardados em Castle Rock, mas você tem que se esforçar muito para isso, e a maioria de nós sabe que tem muito tempo que Hugh Priest e o trabalho árduo não andam de mãos dadas.

O que você disse?

Ah! *Isso!* Ora, garoto... não é uma pérola? Os folhetos estão por toda a cidade! Acho que Wanda Hemphill (o marido dela, Don, é dono do Mercado Hemphill) distribuiu a maioria sozinha. Tire ali do pilar e me dê aqui. Não seja tímido, ninguém tem que prender folhetos no coreto da praça da cidade, para começar.

Caramba! Olha só essa coisa! OS DADOS E O DIABO impresso bem no alto. Com letras grandes e vermelhas saindo *fumaça*, como se essas coisas tivessem sido enviadas como uma entrega especial lá de Tofete! Rá! Alguém que não soubesse o lugarzinho sonolento que esta cidade é acharia que estamos indo para o buraco, imagino. Mas você sabe como as coisas acabam ficando fora de proporção numa cidade deste tamanho. E o reverendo Willie está com alguma coisa na cabeça desta vez, com certeza. Sem dúvida nenhuma. As igrejas nas cidades pequenas... bom, acho que não preciso dizer como *isso* funciona. Elas se dão bem, mais ou menos, mas nunca estão verdadeiramente *felizes* umas com as outras. Tudo fica tranquilo por um tempo e de repente acontece uma briga.

Mas foi uma briga bem grande agora, e com muitos ressentimentos. Os católicos, sabe, estão planejando uma coisa que estão chamando de Noite do Cassino no Salão dos Cavaleiros de Colombo, do outro lado da cidade. Na última quinta-feira do mês, pelo que sei, com a renda sendo usada para ajudar a pagar o conserto do telhado da igreja. Essa é a Nossa Senhora das Águas Serenas; você deve ter passado por ela ao entrar na cidade, se veio por Castle View. Uma igreja linda, não é?

A Noite do Cassino foi ideia do padre Brigham, mas foram as Filhas de Isabella que realmente pegaram a bola e correram com ela. Mais especificamente, Betsy Vigue. Acho que ela gosta da ideia de colocar o vestido preto mais grudado que tem e dar as cartas no blackjack ou girar a roleta e dizer "Façam suas apostas, senhoras e senhores, façam suas apostas". Ah, mas até que todos gostaram da ideia, eu acho. São só apostas de valor baixo, inofensivas, mas parece um pouquinho pecaminoso para eles mesmo assim.

Só que o reverendo Willie não acha inofensivo e parece bem mais do que um pouquinho pecaminoso para ele e sua congregação. Ele

é, na verdade, o reverendo William Rose, e ele nunca gostou muito do padre Brigham, nem o padre gosta dele. (Na verdade, foi o padre Brigham que começou a chamar o reverendo Rose de “Steamboat Willie” e o reverendo Willie sabe disso.)

Esses dois feiticeiros sempre soltam umas faíscas, mas essa história da Noite do Cassino é um pouco mais do que faíscas; acho que está mais para um incêndio. Quando Willie soube que os católicos pretendiam passar uma noite jogando no Salão, ele pulou tão alto de raiva que quase furou o teto com a cabecinha pontuda. Ele pagou por esses folhetos dizendo OS DADOS E O DIABO do próprio bolso e Wanda Hemphill e suas amigas do grupo de costura espalharam por toda a cidade. Desde então, o único lugar onde os católicos e os batistas se falam é na coluna de cartas do jornalzinho semanal, onde resmungam e reclamam e dizem que o outro vai para o inferno.

Olha ali e você vai ver o que eu quero dizer. Aquela saindo do banco é Nan Roberts. Ela é dona da Lanchonete da Nan e acho que é a pessoa mais rica da cidade agora que o velho Pop Merrill foi para aquele grande mercado de pulgas no céu. Além disso, ela é batista desde que Hector era filhote. E vindo ali do outro lado está o grande Al Gendron. Ele é tão católico que faz o Papa parecer kosher e seu melhor amigo é o irlandês Johnny Brigham. Agora, fica olhando! Está vendo os narizes se levantando? Rá! Não é uma comédia? Aposto o que você quiser que a temperatura deve ter caído uns dez graus quando eles passaram um pelo outro. É como a minha mãe dizia: as pessoas se divertem mais do que todo mundo, menos os cavalos, e eles não conseguem se divertir.

Agora, olhe ali. Está vendo aquele carro de xerife estacionado junto ao meio-fio perto da loja de vídeo? Quem está dentro é John LaPointe. Ele tem que ficar de olho se alguém está ultrapassando o limite de velocidade, o centro é área de velocidade baixa, principalmente no horário da saída da escola. Mas, se você olhar bem, vai ver que o que ele está *mesmo* fazendo é olhando para uma foto que tirou da carteira. Não consigo ver daqui, mas sei o que é tão bem quanto sei o nome da minha mãe. É a foto que Andy Clutterbuck tirou de John e Sally Ratcliffe na Feira Estadual de

Fryeburg, cerca de um ano atrás. John está com o braço em volta dela na foto e ela está segurando um urso de pelúcia que ele ganhou para ela no estande de tiro, e os dois parecem tão felizes que poderiam explodir. Mas as coisas mudam, como dizem; atualmente, Sally está noiva de Lester Pratt, o professor de educação física da escola de ensino médio. Ele é batista até a raiz do cabelo, como ela. John ainda não superou o choque de a perder. Viu o suspiro que ele deu? Está sofrendo de um caso grave de tristeza. Só um homem ainda apaixonado (ou que acha que está) pode dar um suspiro profundo desses.

Problemas e chateações são principalmente coisas comuns, já reparou? Coisas nada dramáticas. Vou te dar um exemplo. Está vendo aquele sujeito subindo a escada do fórum? Não, não o cara de terno; aquele é Dan Keeton, nosso conselheiro municipal principal. Estou falando do outro; o negro de uniforme de trabalho. É Eddie Warburton, o zelador do Prédio Municipal no período da noite. Fique de olho nele por uns segundos e veja o que ele faz. Pronto! Viu quando ele parou no degrau mais alto e olhou para cima, na rua? Eu apostaria mais grana que ele está olhando para o posto Sunoco. O Sunoco é de propriedade e gerenciado por Sonny Jackett, e os dois se estranham desde que Eddie levou o carro para lá dois anos atrás para que olhassem o sistema de transmissão.

Eu me lembro bem daquele carro. Era um Honda Civic, sem nada de especial além do fato de ser especial para o Eddie, já que foi o primeiro e único carro zero que ele teve na vida. E Sonny não só fez um trabalho ruim como cobrou caro demais pelo que fez. Esse é o lado do *Eddie* da história. Warburton está usando a cor de sua pele para ver se consegue me fazer não cobrar — esse é o lado do *Sonny* da história. Você sabe como é, não sabe?

Bom, Sonny Jackett levou Eddie Warburton ao tribunal de pequenas causas e houve uma gritaria, primeiro no tribunal e depois no corredor do lado de fora. Eddie disse que Sonny o chamou de crioulo burro e Sonny disse: Bom, eu não chamei ele de crioulo, mas o resto é verdade. No final, nenhum dos dois ficou satisfeito. O juiz fez Eddie pagar cinquenta pratas, que Eddie disse que passava do limite em cinquenta pratas e Sonny disse que não chegava nem

perto de cobrir o problema. Pouco tempo depois, houve um incêndio de origem elétrica no carro novo do Eddie e, no fim, o Civic do Eddie foi parar no ferro-velho que fica na Estrada Municipal 5 e agora o Eddie está dirigindo um Oldsmobile 1989 com vazamento de óleo. Eddie nunca superou a ideia de que Sonny Jackett sabe bem mais sobre aquele incêndio de origem elétrica do que falou.

Rapaz, as pessoas se divertem mais do que todo mundo, menos os cavalos, e eles não conseguem se divertir. Isso não é mais do que dá para aguentar em um dia quente?

Mas é só vida de cidade pequena; seja Peyton Place ou Grover's Corner ou Castle Rock, são só pessoas comendo torta, tomando café e falando sobre os outros por trás das mãos. Ali está Slopey Dodd, completamente sozinho porque os outros garotos debocham da gagueira dele. Ali está Myrtle Keeton, e se ela parece um pouco solitária e confusa, como se não soubesse direito onde está e nem o que está acontecendo, é porque o marido dela (o sujeito que você viu subindo a escada do fórum atrás do Eddie) está estranho há uns seis meses, mais ou menos. Está vendo como os olhos dela estão inchados? Acho que andou chorando, ou não está dormindo bem, ou as duas coisas, não acha?

E lá vai Lenore Potter, parecendo ter acabado de sair de uma caixa. Ela está indo até a loja Western Auto, sem dúvida, para ver se o fertilizante orgânico especial dela já chegou. Aquela mulher tem mais tipos de flores crescendo em volta de casa do que a Carter faz pílulas para o fígado. Morre de orgulho delas. Ela não é muito querida entre as mulheres desta cidade; elas a acham arrogante, com as flores e as miçangas que mudam de cor com o humor e o permanente de setenta dólares lá de Boston. Elas a acham arrogante e vou contar um segredo, já que estamos só sentados aqui lado a lado nessa escada cheia de farpas do coreto. Eu acho que as mulheres estão certas.

Tudo bem comum, acho que você diria, mas nem todos os nossos problemas em Castle Rock são comuns; tenho que deixar isso bem claro. Ninguém esqueceu Frank Dodd, o guarda que ficou maluco aqui doze anos atrás e matou aquelas mulheres, e ninguém esqueceu o cachorro, o que pegou raiva e matou Joe Camber e o

velho veterano que morava perto. O cachorro também matou o bom xerife George Bannerman. Alan Pangborn está nessa função atualmente e ele é um bom homem, mas nunca vai chegar aos pés do Big George aos olhos da cidade.

E também não houve nada de comum no que aconteceu com Reginald “Pop” Merrill; Pop era o velho pão-duro dono daquela loja de tralhas. O Emporium Galorium, esse era o nome. Ficava naquele terreno baldio ali do outro lado da rua. O local pegou fogo um tempo atrás, mas tem gente na cidade que viu (ou alega ter visto, pelo menos) e que pode te contar, depois de umas cervejas no Tigre Meloso, que foi bem mais do que um simples incêndio que destruiu o Emporium Galorium e tirou a vida de Pop Merrill.

O sobrinho dele, Ace, diz que aconteceu uma coisa sinistra com o tio antes do tal incêndio, uma coisa no estilo *Além da imaginação*. Claro que Ace nem estava aqui quando o tio bateu as botas; ele estava terminando a pena de quatro anos na prisão Shawshank por invasão de domicílio. (Todo mundo sempre soube que Ace Merrill não seria boa coisa; quando estava na escola, ele foi um dos piores valentões que esta cidade já viu e deve haver uns cem garotos e garotas que atravessavam para o outro lado da rua quando viam Ace andando na direção deles com as fivelas e zíperes da jaqueta de motoqueiro tilintando e os saltos das botas de motoqueiro estalando na calçada.) Mas as pessoas acreditam nele, sabe; talvez tenha havido mesmo algo de estranho no que aconteceu com Pop naquele dia, ou talvez seja só mais uma dessas conversas na Nan acompanhadas de xícaras de café e fatias de torta.

Aqui é igual ao lugar onde você passou a infância, provavelmente. As pessoas ficam de cabeça quente por causa de religião, as pessoas carregam tochas, as pessoas guardam segredos, outras guardam ressentimentos... e tem até uma história sinistra de vez em quando, como o que pode ou não ter acontecido no dia em que Pop morreu na loja de tralhas, para animar um ocasional dia tedioso. Castle Rock ainda é um bom lugar para viver e crescer, como diz a placa que você vê quando chega à cidade. O sol brilha lindo no lago e nas folhas das árvores, e num dia limpo dá para ver até Vermont do alto de Castle View. Os veranistas brigam por causa dos jornais

no domingo e há uma briga ocasional no estacionamento do Tigre Meloso nas noites de sexta ou sábado (às vezes, nas duas), mas eles sempre vão embora e as brigas sempre terminam. Rock sempre foi um dos *bons* lugares, e quando as pessoas ficam irritadas, sabe o que dizemos? Nós dizemos *Ele vai superar* ou *Ela vai superar*.

Henry Beaufort, por exemplo, está cansado de Hugh Priest chutando a jukebox quando fica bêbado... mas Henry vai superar. Wilma Jerzyck e Nettie Cobb estão com raiva uma da outra... mas Nettie vai superar (provavelmente), e ficar com raiva é só um estilo de vida para Wilma. O xerife Pangborn ainda sente falta da esposa e do filho mais novo, que morreram antes da hora, e foi uma grande tragédia mesmo, mas ele vai superar com o tempo. A artrite de Polly Chalmers não está melhorando; na verdade está piorando aos poucos. E ela talvez não supere, mas vai aprender a viver com o problema. Milhões aprenderam.

Nós nos esbarramos de vez em quando, mas em geral as coisas vão bem. Ou sempre foram, até agora. Mas tenho que contar um segredo *de verdade*, camarada; foi por isso que chamei você aqui quando vi que tinha voltado para a cidade. Acho que tem um problema, um problema *de verdade*, chegando aqui. Sinto o cheiro vindo do horizonte, como uma tempestade fora de época cheia de relâmpagos. A briga entre os batistas e os católicos por causa da Noite do Cassino, os garotos que debocham do pobre Slopey por causa da gagueira, a tocha de John LaPointe, a dor do xerife Pangborn... Acho que essas coisas vão parecer pequenas perto do que está por vir.

Está vendo aquele prédio do outro lado da rua Principal? O que fica três casas depois do terreno baldio onde ficava o Emporium Galorium? Com um toldo verde na frente? É, aquele. As janelas estão embaçadas porque ainda não abriu. ARTIGOS INDISPENSÁVEIS, diz a placa; o que isso quer dizer? Também não sei, mas é de lá que a sensação ruim parece vir.

Bem de lá.

Olhe para a rua mais uma vez. Está vendo aquele garoto, né? O que está andando com a bicicleta e parece estar tendo a fantasia

mais doce que um garoto pode ter? Fique de olho nele, camarada. Acho que é ele que vai começar.

Não, como eu disse, eu não sei o quê... não exatamente. Mas fique de olho no garoto. E fique aqui mais um tempo, está bem? As coisas parecem *erradas*, e se algo acontecer, pode ser bom haver uma testemunha.

Eu conheço aquele garoto, o que está empurrando a bicicleta. Talvez você também conheça. O nome dele é Brian alguma coisa. O pai dele instala molduras e portas em Oxford ou South Paris, eu acho.

Fique de olho nele, estou dizendo. Fique de olho em *tudo*. Você já esteve aqui, mas as coisas estão prestes a mudar.

Eu sei.

Eu *sinto*.

Tem uma tempestade chegando.

PARTE UM A GRANDE INAUGURAÇÃO



UM

1

Em cidades pequenas, a inauguração de uma loja é um grande acontecimento.

Embora não fosse tão importante para Brian Rusk como era para alguns; a mãe dele, por exemplo. Ele a tinha ouvido falando sobre o assunto (ele não podia chamar de fofoca, ela dissera, porque fofoca era um hábito feio que ela não tinha) pelo telefone com a melhor amiga, Myra Evans, durante o último mês, mais ou menos. Os primeiros pedreiros chegaram ao prédio antigo que tinha abrigado por último a Western Maine Imóveis e Seguros na época em que as aulas começaram e ficaram trabalhando sem parar desde então. Não que as pessoas tivessem ideia do que estavam fazendo lá; o primeiro ato deles foi botar uma vitrine enorme e o segundo foi deixá-la opaca.

Duas semanas antes, uma placa apareceu na porta, pendurada por um barbante preso em uma ventosa transparente.

INAUGURAÇÃO EM BREVE!,

dizia a placa.

ARTIGOS INDISPENSÁVEIS
UM NOVO TIPO DE LOJA

“Você não vai acreditar nos seus olhos!”

— Vai ser só mais uma loja de antiguidades — disse a mãe de Brian para Myra. Cora Rusk estava reclinada no sofá na ocasião, segurando o telefone com uma das mãos e comendo cerejas

cobertas de chocolate com a outra enquanto assistia à novela *Santa Barbara* na televisão. — Mais uma loja de antiguidades com muitos móveis antigos falsos e telefones à manivela mofados. Espere só pra ver.

Isso foi pouco depois que a nova vitrine foi instalada e deixada opaca, e sua mãe falou com tanta segurança que Brian teve certeza de que o assunto estava encerrado. Só que, com a sua mãe, nenhum assunto parecia ficar encerrado de vez. As especulações e suposições pareciam tão infinitas quanto os problemas dos personagens de *Santa Barbara* e *General Hospital*.

Na semana anterior, a primeira linha da placa pendurada na porta foi alterada:

INAUGURAÇÃO DIA 9 DE OUTUBRO — TRAGAM SEUS AMIGOS!

Brian não estava tão interessado na loja nova quanto a mãe (e alguns professores; ele os ouviu conversando sobre a loja na sala dos professores da escola primária de Castle Rock quando foi sua vez de trabalhar de carteiro), mas ele tinha onze anos, e um garoto saudável de onze anos se interessa por qualquer novidade. Além do mais, o nome do lugar o fascinava. Artigos Indispensáveis: o que exatamente isso queria dizer?

Ele tinha lido a primeira linha trocada na terça-feira anterior, na volta da escola. As tardes de terça eram quando ele voltava tarde. Brian nasceu com lábio leporino, e apesar de ter passado por uma cirurgia corretiva aos sete anos, ele ainda precisava fazer terapia com uma fonoaudióloga. Alegava com firmeza que odiava aquilo para todo mundo que perguntasse, mas na verdade não odiava. Estava profundamente apaixonado pela srta. Ratcliffe e esperava a semana toda que a aula especial chegasse. A terça-feira na escola parecia durar mil anos e ele sempre passava as últimas duas horas com um frio gostoso na barriga.

Só havia mais quatro alunos na turma e nenhum deles morava do mesmo lado da cidade que Brian. Ele achava isso bom. Depois de uma hora na mesma sala com a srta. Ratcliffe, se sentia exaltado demais para ter companhia. Preferia voltar para casa devagar no fim

da tarde, normalmente empurrando a bicicleta em vez de pedalando, sonhando com ela enquanto folhas amarelas e douradas caíam em volta dele nos raios inclinados do sol de outubro.

O caminho o levava por três quarteirões da rua Principal do outro lado da praça da cidade, e no dia em que viu a placa anunciando a abertura da loja, ele botou o nariz no vidro da porta, na esperança de ver o que tinha substituído as mesas pesadas e as paredes amarelas industriais da falecida Western Maine Imóveis e Seguros. Sua curiosidade foi derrotada. Havia uma persiana, puxada até embaixo. Brian não viu nada além do rosto e das mãos refletidas.

Na sexta-feira, dia 4, colocaram uma propaganda da loja nova no jornal semanal de Castle Rock, o *Call*. Estava com uma moldura de babados e abaixo da parte impressa havia um desenho de anjos, um de costas para o outro, tocando trompetes compridos. A propaganda não dizia nada que não pudesse ser lido na placa pendurada na ventosa: o nome da loja era Artigos Indispensáveis, abriria para atendimento às dez horas da manhã do dia 9 de outubro e, claro, “Você não vai acreditar nos seus olhos”. Não havia a menor dica de que tipo de mercadoria o proprietário ou os proprietários da Artigos Indispensáveis pretendiam comercializar.

Isso pareceu deixar Cora Rusk bem irritada... o suficiente, pelo menos, para ela fazer uma rara ligação de sábado de manhã para Myra.

— Eu vou acreditar sim nos *meus* olhos — dissera ela. — Quando vir as *camas de balaústres* que em teoria têm *duzentos anos*, mas apresentam Rochester, *Nova York*, carimbado nas *molduras* para quem se der ao trabalho de baixar a *cabeça* e olhar embaixo da *colcha* ver, eu vou acreditar nos meus olhos *direitinho*.

Myra disse alguma coisa. Cora escutou enquanto pegava amendoins em uma lata e mastigava rapidamente. Brian e seu irmãozinho, Sean, estavam sentados no chão da sala vendo desenho. Sean estava completamente imerso no mundo dos Smurfs, e Brian não estava totalmente alheio à comunidade de pessoinhas azuis, mas ficou com um ouvido ligado na conversa.

— *Ce-erto!* — exclamara Cora Rusk, com mais segurança e ênfase do que o habitual, quando Myra fez algum comentário

particularmente afiado. — Preços altos e telefones de manivela mofados!

No dia anterior, segunda-feira, Brian tinha atravessado o centro logo depois da aula com dois ou três amigos. Eles estavam do outro lado da rua da loja nova e ele viu que durante o dia alguém tinha instalado um toldo verde-escuro. Na frente, com letras brancas, havia as palavras ARTIGOS INDISPENSÁVEIS. Polly Chalmers, a dona da loja de costura, estava parada na calçada com as mãos nos quadris admiravelmente estreitos, olhando para o toldo com uma expressão que parecia ser igualmente de perplexidade e admiração.

Brian, que sabia um pouco sobre toldos, também o admirou. Era o único toldo *de verdade* na rua Principal e dava à loja nova uma aparência especial. A palavra “sofisticada” ainda não fazia parte do vocabulário ativo dele, mas ele soube na mesma hora que não havia outra loja igual em Castle Rock. O toldo a fazia parecer uma loja que poderia ser vista num programa de televisão. A loja Western Auto do outro lado da rua parecia deselegante e interiorana em comparação.

Quando chegou em casa, sua mãe estava no sofá, assistindo a *Santa Barbara*, comendo biscoitos recheados Little Debbie e tomando Coca Diet. Sua mãe sempre tomava refrigerante diet enquanto assistia aos programas da tarde. Brian não sabia bem o porquê, considerando o que ela comia junto, mas achava que seria perigoso perguntar. Ela talvez até acabasse gritando com ele, e quando sua mãe começava a gritar, era melhor procurar abrigo.

— Ei, mãe! — disse ele, jogando os livros na bancada e tirando o leite da geladeira. — Adivinha! Tem toldo na loja nova.

— Todo o quê? — A voz dela veio da sala.

Ele serviu leite no copo e apareceu na porta.

— *Toldo* — disse ele. — Na loja nova na rua Principal.

Ela se sentou mais ereta, procurou o controle remoto e apertou o botão do mudo. Na tela, Al e Corinne estavam falando sobre os problemas de Santa Barbara em seu restaurante favorito em Santa Barbara, mas agora só um leitor de lábios poderia saber quais exatamente eram esses problemas.

— O quê? Aquela tal de Artigos Indispensáveis?

— Aham — disse ele, e tomou um pouco de leite.

— Não faz *barulho* — disse ela, enfiando o resto do biscoito na boca. — É *nojento*. Quantas vezes eu já falei?

A mesma quantidade de vezes que me mandou não falar de boca cheia, pensou Brian, mas não disse nada. Tinha aprendido o controle verbal bem cedo.

— Desculpa, mãe.

— Que tipo de toldo?

— Verde.

— De alumínio ou de metal?

Brian, cujo pai era vendedor de revestimentos da Companhia Dick Perry de Revestimentos e Portas em South Paris, sabia exatamente de que ela estava falando, mas se fosse *aquele* tipo de toldo, ele não teria nem reparado. Os toldos de alumínio e de metal estavam em toda parte. Metade das casas de Rock tinha um na janela.

— Nenhum dos dois — disse ele. — De pano. Acho que é lona, fica com sombra embaixo. E é redondo, assim. — Ele curvou as mãos (com cuidado, para não derramar leite) em um semicírculo. — O nome foi impresso na ponta. É realmente incrível.

— Macacos me mordam!

Essa era a expressão com a qual Cora costumava manifestar empolgação ou exasperação. Brian deu um passo cauteloso para trás, para o caso de ser a segunda opção.

— O que você acha que é, mãe? Um restaurante, será?

— Não sei — disse ela, e pegou o telefone na mesa de canto. Ela teve que afastar o gato Squeebles, a revista *TV Guide* e um quarto de Coca Diet para pegá-lo. — Mas parece questionável.

— Mãe, o que Artigos Indispensáveis quer dizer? Parece...

— Não me incomode agora, Brian, a mamãe está ocupada. Tem bolinho recheado Devil Dog na caixa de pão, se quiser. Mas só um, senão você não vai jantar. — Ela já estava discando para Myra, e em pouco tempo elas começaram a discutir o toldo verde com grande entusiasmo.

Brian, que não queria bolinho recheado (amava muito a mãe, mas, às vezes, vê-la comer tirava seu apetite), se sentou à mesa da cozinha, abriu o livro de matemática e começou a fazer os problemas de dever de casa; ele era um garoto inteligente e

responsável e o dever de matemática era o único que ele não tinha terminado na escola. Enquanto movia decimais metodicamente e fazia divisões, ele ouvia as falas da mãe na conversa. Ela estava novamente contando para Myra que em pouco tempo eles teriam *outra* loja vendendo frascos de *perfume* velhos e fedidos e quadros dos *parentes* mortos de alguém, e era uma pena como essas coisas iam e vinham. Havia gente demais por aí, Cora dissera, cujo lema na vida era pegar o dinheiro e fugir. Quando ela falou do toldo, parecia que alguém a tinha tentado ofender pessoal e deliberadamente e teve um sucesso esplêndido na missão.

Acho que ela pensa que alguém tinha que contar para ela, Brian pensou enquanto o lápis se movia com firmeza, descendo e fechando a conta. Sim, era isso. Estava curiosa, essa era a primeira coisa. E estava irritada, essa era a segunda. A combinação das duas coisas estava acabando com ela. Bom, ela descobriria em breve. Quando descobrisse, talvez contasse o grande segredo para ele. E, se ela estivesse ocupada demais, ele se viraria só ouvindo uma das conversas vespertinas dela com Myra.

Mas, no fim das contas, Brian descobriu muita coisa sobre a Artigos Indispensáveis antes da sua mãe ou de Myra ou de qualquer outra pessoa em Castle Rock.

Ele mal pedalou na volta para casa depois da aula na tarde anterior ao dia marcado para a inauguração da Artigos Indispensáveis; estava perdido em uma fantasia quente (que não confessaria nem se estivesse sendo coagido com carvões quentes e tarântulas peludas) na qual convidava a srta. Ratcliffe para ir com ele à Feira do Condado de Castle e ela aceitava.

— Obrigada, Brian — diz a srta. Ratcliffe, e Brian vê pequenas lágrimas de gratidão nos cantos dos olhos azuis, olhos tão escuros que parecem quase tempestuosos. — Eu ando... bom, meio triste ultimamente. É que perdi meu amor, sabe.

— Vou te ajudar a esquecer ele — diz Brian, a voz grossa e carinhosa ao mesmo tempo — se você me chamar de... Bri.

— Obrigada — sussurra ela e, chegando perto o suficiente para ele sentir o perfume, um aroma sonhador de flores do campo, ela diz: — Obrigada... Bri. E como, ao menos esta noite, nós vamos ser menina e menino em vez de professora e aluno, pode me chamar de... Sally.

Ele segura as mãos dela. Olha em seus olhos.

— Eu não sou apenas um garoto — diz ele. — Posso te ajudar a esquecer ele... Sally.

Ela parece quase hipnotizada por essa compreensão inesperada, por essa maturidade inesperada; ele pode ter só onze anos, ela pensa, mas é mais homem do que Lester era! As mãos dela apertam as dele. Os rostos se aproximam... ainda mais...

— Não — murmura ela, e agora os olhos estão tão arregalados e tão próximos que ele parece quase se afogar neles —, você não pode fazer isso, Bri... é errado...

— É o certo, gata — diz ele, e toca os lábios nos dela.

Ela se afasta depois de uns momentos e sussurra com carinho:

— Ei, garoto, olha pra onde anda!

Arrancado do devaneio, Brian percebeu que tinha entrado na frente da picape de Hugh Priest.

— Desculpa, sr. Priest — disse ele, ficando muito vermelho.

Hugh Priest era uma pessoa que ninguém nunca queria irritar. Ele trabalhava para o Departamento de Serviços Públicos e tinha a reputação de ter o pior temperamento de Castle Rock. Brian o observou com atenção. Se ele começasse a sair da picape, Brian planejava pular na bicicleta e sumir pela rua Principal na velocidade da luz. Não tinha interesse em passar um mês no hospital só porque estava fantasiando sobre ir à Feira do Condado com a srta. Ratcliffe.

Mas Hugh Priest estava com uma garrafa de cerveja entre as pernas, Hank Williams Jr. no rádio cantando “High and Pressurized” e a situação toda estava meio confortável demais para algo tão radical quanto dar uma surra num garotinho numa tarde de terça.

— Abre teu olho — disse ele, tomando um gole de cerveja e olhando para Brian com expressão sombria —, porque, da próxima vez, não vou parar. Vou te atropelar no meio da rua. Vou te fazer gritar, rapazinho.

Ele engatou a marcha da picape e saiu dirigindo. Brian sentiu uma vontade insana (e misericordiosamente breve) de gritar *Macacos me mordam!* para ele. Esperou até a picape laranja da manutenção de estradas entrar na rua Linden e seguiu caminho. Mas a fantasia com a srta. Ratcliffe já tinha sido estragada. Hugh Priest tinha trazido a realidade de volta. A srta. Ratcliffe não tinha brigado com o noivo, Lester Pratt; ela ainda usava o anel de noivado com o diamante azul e dirigia o Mustang azul dele enquanto esperava que seu carro voltasse da oficina.

Brian tinha visto a srta. Ratcliffe e o sr. Pratt na noite anterior, pregando aqueles pôsteres que diziam OS DADOS E O DIABO nos postes telefônicos da parte inferior da rua Principal junto com algumas outras pessoas. Elas estavam cantando hinos religiosos. Só que os católicos passaram por lá assim que eles acabaram e arrancaram tudo. Era engraçado, de certa forma... mas, se fosse maior, Brian teria se esforçado para proteger os pôsteres que a srta. Ratcliffe prendeu com suas mãos sagradas.

Brian pensou nos olhos azul-escuros, nas pernas compridas de bailarina, e sentiu o mesmo assombro melancólico que sempre sentia quando se dava conta de que, chegando janeiro, ela pretendia mudar de Sally Ratcliffe, que era lindo, para Sally Pratt, que, para Brian, parecia o nome de uma mulher gorda caindo por um lance curto de escadas.

Bom, pensou ele, chegando do outro lado e descendo lentamente a rua Principal, talvez ela mude de ideia. Não é impossível. Pode ser também que Lester Pratt sofra um acidente de carro ou tenha um tumor cerebral ou alguma coisa assim. Pode até ser que ele seja viciado em drogas. A srta. Ratcliffe nunca se casaria com um viciado em drogas.

Esses pensamentos deram a Brian um consolo estranho, mas não mudaram o fato de que Hugh Priest tinha abortado a fantasia um pouco antes do apogeu (beijar a srta. Ratcliffe e *tocar no seio direito dela* quando eles estivessem no Túnel do Amor, na feira). Era uma ideia bem louca, um garoto de onze anos levando a professora à Feira do Condado. A srta. Ratcliffe era bonita, mas também era velha. Ela tinha dito para as crianças da fonoterapia uma vez que faria vinte e quatro anos em novembro.

Assim, Brian dobrou cuidadosamente a fantasia, como um homem dobraria um documento muito manuseado e valioso, e a guardou na prateleira no fundo da mente, onde era seu lugar. Então se preparou para montar na bicicleta e pedalar o resto do caminho até em casa.

Mas estava passando pela loja nova naquele momento e a placa na porta chamou sua atenção. Alguma coisa tinha mudado. Ele parou a bicicleta e olhou.

INAUGURAÇÃO DIA 9 DE OUTUBRO — TRAGAM SEUS AMIGOS!

Essa parte, que ficava no alto, tinha sumido. Tinha sido substituída por uma plaquinha quadrada, com letras vermelhas sobre um fundo branco.

ABERTO, dizia.

ABERTO era tudo que estava escrito. Brian ficou parado, a bicicleta entre as pernas, olhando, e seu coração começou a bater um pouco

mais rápido.

Você não vai entrar, vai?, ele perguntou a si mesmo. Mesmo que *esteja* abrindo um dia antes, você não vai entrar, certo?

Por que não?, ele respondeu a si mesmo.

Bom... porque a vitrine ainda está opaca. A persiana da porta ainda está fechada. Se você entrar, qualquer coisa pode acontecer com você. *Qualquer coisa*.

Claro. Como se o dono fosse o Norman Bates, sei lá, usando as roupas da mãe para esfaquear os clientes. *Claaaaro*.

Bom, esquece isso, disse a parte tímida da mente dele, embora essa parte já parecesse saber que tinha perdido. Tem *alguma coisa* estranha nisso.

Mas então Brian pensou sobre contar aquilo para a mãe. Dizer distraidamente: “Aliás, mãe, sabe aquela loja nova, a Artigos Indispensáveis? Bom, abriu um dia antes. Eu entrei e dei uma olhada”.

Ela apertaria o mudo do controle remoto correndo, com certeza! Ia querer saber tudo!

Esse pensamento foi demais para Brian. Ele baixou o descanso da bicicleta e foi lentamente até a sombra do toldo; parecia uns dez graus mais fresco ali. E se aproximou da porta da Artigos Indispensáveis.

Quando botou a mão na maçaneta antiquada de metal, passou pela cabeça dele que a placa devia estar errada. Devia estar virada para dentro, esperando o dia seguinte, e alguém mexeu nela sem querer. Ele não ouvia ruído nenhum atrás da persiana fechada; o lugar parecia deserto.

Mas, como tinha ido até ali, experimentou a maçaneta... que girou facilmente na mão dele. A lingueta se soltou e a porta da Artigos Indispensáveis se abriu.

O interior estava na penumbra, mas não escuro. Brian viu que spots de luz em trilho (especialidade da Companhia Dick Perry de Revestimentos e Portas) tinham sido instalados e alguns deles estavam acesos. Estavam apontados para várias estantes de vidro, espalhadas pela sala grande. A maioria das estantes estava vazia. Os spots estavam direcionados aos poucos *pontos ocupados* por objetos expostos.

O piso, que era de madeira na época da Western Maine Imóveis e Seguros, tinha sido coberto de parede a parede com um tapete vermelho. As paredes tinham sido pintadas de branco casca de ovo. Uma luz fraca, tão branca quanto as paredes, entrava pela vitrine opaca.

Bom, foi engano mesmo, pensou Brian. Ele nem botou a mercadoria em exposição ainda. Quem botou a placa de ABERTO na porta por engano também deixou a porta destrancada por engano. A coisa educada de se fazer nessas circunstâncias seria fechar a porta, subir na bicicleta e ir embora.

Mas ele estava relutante em ir embora. Afinal, estava *vendo* o interior da loja nova. Sua mãe conversaria com ele o resto da tarde quando soubesse disso. A parte irritante era que ele não sabia bem o que estava vendo. Havia umas seis

(*evidências*)

coisas nas estantes e os spots estavam apontados para elas, uma espécie de teste, provavelmente, mas ele não sabia o que eram. Só sabia o que *não eram*: camas de balaústres e telefones de manivela mofados.

— Oi — disse ele com insegurança, ainda parado na porta. — Tem alguém aí?

Ele estava prestes a segurar a maçaneta de novo e fechar a porta quando uma voz respondeu:

— *Eu* estou aqui.

Uma figura alta, que a princípio pareceu ser *impossivelmente* alta, surgiu por uma porta atrás de uma das estantes. A passagem ficava protegida por uma cortina de veludo escuro. Brian sentiu uma câimbra momentânea e monstruosa de medo. Mas o brilho de um dos spots atingiu o rosto do homem e o medo passou. O sujeito era bem velho e tinha um rosto muito gentil. Ele olhou para Brian com interesse e prazer.

— Sua porta estava destrancada — disse Brian —, então achei...

— *Claro* que está destrancada — disse o homem alto. — Decidi abrir um pouco esta tarde como uma espécie de... prévia. E você é meu primeiro cliente. Entre, meu amigo. Entre livremente e deixe um pouco da felicidade que você traz!

Ele sorriu e esticou a mão. O sorriso era contagiante. Brian gostou instantaneamente do proprietário da Artigos Indispensáveis. Ele precisou passar pela porta e entrar na loja para apertar a mão do homem alto e fez isso sem a menor hesitação. A porta se fechou atrás dele sozinha. Brian não reparou. Estava ocupado demais reparando que os olhos do homem alto eram azul-escuros... exatamente do mesmo tom dos olhos da srta. Sally Ratcliffe. Eles poderiam ser pai e filha.

O aperto do homem alto era forte e seguro, mas não machucou. Ao mesmo tempo, houve algo de desagradável no toque. Algo... *liso*. Duro demais, parecia.

— É um prazer conhecer o senhor — disse Brian.

Os olhos azul-escuros observaram seu rosto como lanternas.

— Estou igualmente satisfeito em conhecer você — disse o homem alto, e foi assim que Brian Rusk conheceu o proprietário da Artigos Indispensáveis antes de todo mundo em Castle Rock.

— Meu nome é Leland Gaunt — disse o homem alto. — E você é...?

— Brian. Brian Rusk.

— Muito bem, sr. Rusk. E como você é meu primeiro cliente, acho que posso oferecer um preço muito especial em qualquer item que chame sua atenção.

— Ah, obrigado, mas acho que não posso comprar nada em um lugar assim. Só vou receber minha mesada na sexta-feira e... — Ele olhou com dúvida para as estantes de vidro novamente. — Bom, parece que o senhor não botou todo o seu estoque na loja ainda.

Gaunt sorriu. Seus dentes eram tortos e pareciam bem amarelos na luz fraca, mas Brian achou o sorriso encantador mesmo assim. Mais uma vez, se viu quase obrigado a retribuí-lo.

— Não — disse Leland Gaunt. — Não botei. A maioria do meu... estoque, como você diz, vai chegar no fim da tarde. Mas já tenho alguns itens interessantes. Dê uma olhada, jovem sr. Rusk. Eu adoraria ouvir sua opinião, pelo menos... e imagino que você tenha mãe, não é? Claro que tem. Um rapazinho ótimo como você não pode ser órfão. Estou certo?

Brian assentiu, ainda sorrindo.

— Claro. Minha mãe está em casa agora. — Uma ideia surgiu na cabeça dele. — Quer que eu traga ela aqui?

Mas assim que a proposta saiu, ele se arrependeu. Não *queria* levar a mãe até lá. No dia seguinte, o sr. Leland Gaunt pertenceria à cidade inteira. A partir daí, sua mãe e Myra Evans ficariam em cima dele, assim como todas as outras mulheres de Castle Rock. Brian achava que o sr. Gaunt deixaria de parecer tão estranho e diferente antes do fim do mês, talvez até antes do fim da *semana*, mas no momento ainda *era*, e no momento pertencia a Brian Rusk e só a Brian Rusk, e ele queria que continuasse assim.

Por isso, ficou satisfeito quando o sr. Gaunt levantou a mão (os dedos eram muito finos e muito longos, e Brian reparou que o primeiro e o segundo eram exatamente do mesmo tamanho) e balançou a cabeça.

— De jeito nenhum — disse ele. — É isso que eu *não* quero. Ela sem dúvida ia querer trazer uma amiga, não é?

— É — disse Brian, pensando em Myra.

— Talvez até *duas* amigas ou três. Não, assim é melhor, Brian. Posso te chamar de Brian?

— Claro — disse Brian, achando graça.

— Obrigado. E você vai me chamar de sr. Gaunt, já que sou mais velho, embora não necessariamente superior. Combinado?

— Claro.

Brian não sabia bem o que o sr. Gaunt queria dizer com esse papo de mais velho e superior, mas estava *adorando* ouvir aquele cara falar. E os olhos dele eram incríveis; Brian não conseguia desviar os dele.

— Ah, assim é bem melhor. — O sr. Gaunt esfregou as mãos compridas e o som que saiu foi um chiado. Disso Brian não gostou tanto. As mãos do sr. Gaunt esfregadas daquele jeito pareciam uma cobra chateada, pensando em picar. — Você vai contar pra sua mãe, quem sabe até mostrar pra ela o que comprou, se comprar alguma coisa...

Brian pensou em contar ao sr. Gaunt que tinha um total de noventa e um centavos no bolso, mas decidiu não falar nada.

— ... e ela vai contar pras amigas *dela*, e elas vão contar pras amigas *delas*... entende, Brian? Você vai ser uma propaganda melhor do que o jornal da cidade poderia *pensar* em ser! Eu não poderia fazer melhor se te contratasse pra andar pelas ruas da cidade usando um painel sanduíche!

— Bom, se o senhor acha — concordou Brian. Ele não tinha ideia do que era um painel sanduíche, mas tinha quase certeza de que não usaria um nem morto. — *Seria* divertido mesmo dar uma olhada. — *No pouco que tem para olhar* foi o que ele não disse porque era um menino educado.

— Então pode começar a olhar! — disse o sr. Gaunt, indicando as estantes. Brian reparou que ele estava usando um paletó comprido de veludo vermelho. Achava que talvez fosse um paletó do tipo que Sherlock Holmes usava nas histórias que ele lia. Era muito elegante. — Fique à vontade, Brian!

Brian andou lentamente até a vitrine mais perto da porta. Olhou para trás, seguro de que o sr. Gaunt estaria indo junto, mas o sr. Gaunt ainda estava junto à porta, olhando para ele achando graça. Era como se tivesse lido a mente de Brian e descoberto o quanto ele detestava que um dono de loja ficasse andando atrás enquanto ele olhava as coisas. Achava que a maioria dos lojistas tinha medo de que quebrassem alguma coisa, pegassem alguma coisa, ou ambos.

— Leve o tempo que precisar — disse o sr. Gaunt. — Comprar é uma alegria quando se tem tempo, Brian, e um saco quando não se tem.

— O senhor é de outro país? — perguntou Brian. O uso que o sr. Gaunt fez de “se” em vez de “você” o interessou. Lembrava o coroa bonitão que apresentava o programa *Masterpiece Theatre*, que sua mãe assistia às vezes se a revista *TV Guide* dissesse que seria uma história romântica.

— Eu sou de Akron.

— Isso é na Inglaterra?

— É em Ohio — disse Leland Gaunt com seriedade, mas logo mostrou os dentes fortes e irregulares em um sorriso iluminado.

Brian achou engraçado, da mesma forma que falas de programas de televisão como *Cheers* lhe pareciam engraçadas. Na verdade, aquela *coisa* toda dava a sensação de que ele tinha entrado num programa de televisão, um programa meio misterioso, mas não ameaçador. Ele caiu na gargalhada.

Por um momento, teve medo de que o sr. Gaunt o achasse grosseiro (talvez porque sua mãe estivesse sempre o acusando de grosseria, e como resultado Brian tinha passado a acreditar que vivia em uma teia de aranha enorme e quase invisível de etiqueta social), mas logo o sujeito se juntou a ele. Os dois riram juntos, e

Brian não conseguia lembrar quando tinha tido uma tarde tão agradável como aquela estava sendo.

— Pode ir olhar — disse o sr. Gaunt, balançando a mão. — Vamos trocar histórias outra hora, Brian.

Brian olhou. Só havia cinco itens na vitrine maior, onde parecia que caberiam uns vinte ou trinta. Um era um cachimbo. Outro era uma fotografia do Elvis Presley usando o lenço vermelho e o macacão branco com o tigre nas costas. O Rei (era assim que sua mãe sempre se referia a ele) estava segurando um microfone junto aos lábios carnudos. O terceiro item era uma câmera Polaroid. O quarto era uma pedra polida com um buraco cheio de pontinhos de cristal no meio. Eles captavam a luz e brilhavam lindamente sob a iluminação do spot. O quinto era uma lasca de madeira do comprimento e grossura de um dos dedos de Brian.

Ele apontou para o cristal.

— Isso é um geodo, não é?

— Você é um jovem sabido, Brian. É exatamente isso. Tenho plaquinhas pra maioria dos meus itens, mas ainda não foi desempacotada... como a maior parte do estoque. Vou ter que trabalhar como um louco pra poder abrir amanhã. — Mas ele não pareceu preocupado e sim perfeitamente satisfeito em ficar onde estava.

— O que é aquilo? — perguntou Brian, apontando para a lasca de madeira.

Estava pensando que era um estoque bem estranho para uma loja de cidade pequena. Ele tinha passado a gostar muito de Leland Gaunt assim que o conheceu, mas se o resto da mercadoria dele fosse assim, Brian achava que ele não ficaria em Castle Rock como comerciante por muito tempo. Quando se queria vender coisas como cachimbos e fotos do Rei e lascas de madeira, Nova York era o lugar para se abrir uma loja... ou pelo menos foi nisso que ele passou a acreditar depois dos filmes que tinha visto.

— Ah! — disse o sr. Gaunt. — *Esse item é interessante! Vou te mostrar!*

Ele atravessou a sala, contornou a vitrine, puxou um chaveiro volumoso do bolso e escolheu uma chave sem nem olhar direito.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trocas macabras"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).